

Neves, Josélia. 2009. “Cinema inclusivo: soluções diferenciadas para uma comunicação mais abrangente”. *Revista Diversidades*, 24. Região Autónoma da Madeira: Secretaria Regional de Educação e Cultura / Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação / Direcção de Serviços de Apoio, Gestão de Recursos e Investigação. pp.22-24. ISSN:1646-1819. [disponível em: http://www.madeira-edu.pt/Portals/7/pdf/revista_diversidades/revistadiversidades_24.pdf].

Cinema inclusivo: soluções diferenciadas para uma comunicação mais abrangente

Josélia Neves – Instituto Politécnico de Leiria

Embora passem despercebidos à maioria das pessoas, surgem agora, lado a lado com centenas de outros em várias lojas do país, DVDs que se apresentam como sendo “para Todos”. São muito poucos. Os dedos de uma mão sobram quando os queremos contar. Nada mesmo se o compararmos com aquilo que acontece numa qualquer loja da especialidade em Londres ou Nova Iorque. Sabemos que esta comparação será em si mesma desleal mas sem dúvida sintomática do caminho que ainda temos de trilhar se nos quisermos posicionar entre aqueles que acreditam que o direito à informação e ao entretenimento é incontestável. Apesar da grande diferença em termos numéricos quando comparados com os mais avançados nestas matérias, somos também os primeiros no que toca à criação de um mesmo DVD com soluções múltiplas de acessibilidade: legendagem intralinguística para pessoas com surdez adquirida ou surdos oralisantes; interpretação gestual para Surdos que comunicam através da Língua Gestual Portuguesa e áudio-descrição (AD) para pessoas cegas. Na verdade, os dois DVD com características inclusivas trazidos ao mercado português, *O Nascimento de Cristo*ⁱ, em 2007, e *Atrás das Nuvens*ⁱⁱ, em 2008, ambos lançados pela Lusomundo/Zon Lusomundo, são em muito diferentes de todos os outros que se encontravam já no mercado, tanto em Portugalⁱⁱⁱ, como no estrangeiro, pelo simples facto de comportarem todas as soluções atrás registadas num mesmo DVD com características de navegação áudio especiais.

Sendo Portugal um país que habitualmente legenda os seus produtos audiovisuais, é comum encontrar legendas (interlinguísticas), na televisão, no cinema e em formato DVD.

No que diz respeito à televisão, e por força de imposições legais europeias e nacionais, a oferta de programas com legendagem para s/Surdos através do serviço de teletexto, interpretação gestual e, apesar de em menor quantidade e com algumas limitações técnicas, áudio-descrição para cegos, têm vindo gradualmente a aumentar. Será mesmo de esperar que com a aplicação do novo Plano plurianual que “define o conjunto de obrigações que permitam o acompanhamento das emissões por pessoas com necessidades especiais” (Deliberação 5/OUT-TV/2009, do Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social, de 28 de Abril de 2009) a oferta actual venha a duplicar dentro dos próximos anos.

Já no que toca à oferta cinematográfica, no cinema e em DVD, nada existe que regule o fornecimento de soluções de comunicação inclusiva. Aí, só mesmo a sensibilidade de quem lança novos produtos no mercado pode fazer a diferença. A escassez da oferta levará a questionar as razões que continuam a impedir que mais de 20% da população portuguesa (de acordo com os Censos de 2001 e sem contemplar o crescente envelhecimento da população), partilhem a vivência fílmica numa sala de cinema convencional ou no conforto da sua própria casa, assistindo a um filme (em DVD) com familiares e amigos.

Uma primeira pergunta será se tal oferta poderá implicar *condições técnicas* de difícil acesso. À semelhança do que se passa com os serviços de acessibilidade na televisão, abrir o cinema a pessoas com défice sensorial pode requerer, de facto, soluções direccionadas, situação já diferente no que toca ao DVD que não exige qualquer equipamento específico para o efeito.

A oferta de cinema inclusivo numa sala de cinema pode operacionalizar-se de várias formas: através de sessões especiais, com soluções de acessibilidade em formato aberto; ou de forma inclusiva, com suportes à medida. A solução inclusiva, que permitirá que, numa qualquer sessão, pessoas com diferentes perfis possam assistir ao mesmo filme em simultâneo recorrendo a técnicas diferenciadas fornecidas de forma individualizada, utilizando sistemas alternativos (ex: áudio-descrição através de auriculares individuais e legendagem ou interpretação gestual através de ecrãs móveis individuais), obrigará a que esses equipamentos sejam instalados nas salas de cinema que se proponham oferecer tais serviços. Soluções desta natureza existem já em várias salas de cinema europeias mas não em Portugal. Esta não-existência poder-se-á prender com a segunda questão a colocar, a da *viabilidade económica*. Equipar uma sala de cinema com soluções técnicas especiais poderá representar um investimento sem retorno visível ou imediato. Ir ao cinema ainda não é uma prática comum entre os portugueses e não o será ainda mais, por força das circunstâncias, entre pessoas com limitações sensoriais. É lícito que se questione se o serviço, uma vez existente, vai ser efectivamente utilizado, ou seja, rentabilizado. Como em todas as circunstâncias da vida, a oferta de cinema inclusivo exigirá uma fase de “aprendizagem” para que passe a ser efectivamente valorizado. “Ensinar” a consumir cinema (inclusivo) implicará, por parte dos promotores, um grande investimento inicial em sensibilização e na própria promoção do serviço: um investimento na “educação” de novos públicos que, uma vez cativados, poderão representar uma fatia interessante do mercado.

Olhar a inclusão desta forma, como promotora de mais-valias sociais e económicas, surge-nos como a única forma de promover essa mesma inclusão; não já um serviço esporádico e alternativo, mas sim uma prática corrente e democrática, dando ao “outro” a opção de escolha: um serviço “para Todos” mas à medida de “cada um”.

Terá sido esta a postura que conduziu os que desenvolveram as versões inclusivas dos filmes *O Nascimento de Cristo* e *Atrás das Nuvens*. Este último título, apresentado à imprensa como o

“primeiro filme português verdadeiramente inclusivo”, viria a ser um importante contributo para um maior conhecimento do que implica tal inclusão. Apresentado em 8 salas de cinema do Continente, a 13 de Dezembro de 2008, e depois disponibilizado em formato DVD em todo o país, este filme fez reunir as várias soluções de comunicação inclusiva de forma harmoniosa, alterando mesmo algumas das convenções existentes. As sessões de cinema especiais, encaradas como acções de sensibilização, ofereceram em simultâneo, no mesmo ecrã e “para Todos”, três alternativas que normalmente se excluem mutuamente. Não surge como natural fazer reunir numa só exibição o texto fílmico acompanhado de legendagem, interpretação gestual e áudio-descrição. Para os espectadores ouvintes e normovisuais aquela terá sido uma experiência de sobrecarga sensorial, nem por isso menos interessante pelo simples facto de poderem vivenciar, em formato combinado, alternativas comunicativas antes desconhecidas. Para as pessoas com necessidades especiais, terá sido uma experiência memorável. Alguns, de idade já avançada, nunca tinham entrado numa sala de cinema, e não conseguiram esconder a emoção de terem “visto com os ouvidos” ou “ouvido com os olhos” e, acima de tudo, de terem podido partilhar a experiência com tantos outros com e sem limitações sensoriais. Estas emoções serão mais reservadas quando o mesmo filme é apreciado na sua versão DVD. Pelo facto do DVD ter sido cuidadosamente estruturado com vista a permitir que, guiando-se pela navegação áudio, uma pessoa cega o consiga carregar de forma autónoma, ele tem-se aberto a múltiplas utilizações, por pessoas de diferentes perfis, em diferentes contextos, modificando-se sempre para responder às necessidades específicas de quem o utiliza.

Aquilo que torna estes filmes diferentes de todos os outros será, sem dúvida, o cuidado colocado nas soluções linguísticas que o acompanham. A áudio-descrição, a interpretação gestual e as legendas estão feitas de forma a interagir de forma harmoniosa com o original, integrando-se quase, fazendo com que o espectador se esqueça de que existe ali “algo extra”. Esta preocupação é particularmente notória na áudio-descrição que procura acrescentar, nos espaços sonoros da trilha original, informação complementar de pormenores visuais com valor narrativo. A descrição de uma personagem, o pincelar de uma paisagem, a sugestão de emoções expressas em metáforas visuais, a própria explicitação de sons pouco perceptíveis, permitem ao espectador cego fruir da experiência fílmica em termos narrativos e estéticos. Com raízes nas antigas rádio-novelas, a áudio-descrição permite a qualquer um fechar os olhos e deixar-se transportar através das palavras e dos sons. A técnica da áudio-descrição, uma forma de tradução intersemiótica (Jackobson 2000 (1959)), obriga o guionista que a produz, a compreender a obra original e a tudo fazer para não desvirtuar o sentido que o realizador lhe quis dar. Interrogado, no final da sessão de apresentação do seu filme com soluções inclusivas, sobre esta suposta “violação do original”, o realizador de *Atrás das Nuvens*, Jorge Queiroga, respondeu: “não vejo nada isto como uma coisa transformada porque alguém está a fazer uma interpretação na áudio-descrição” (...) um espectador clássico faz a sua interpretação do

filme a partir dos sons e das imagens na tela e outro (o cego) a partir da AD.” Esta liberdade de interpretação que Queiroga delega nos receptores da sua obra não será, de todo, igualmente partilhada pelo linguista que transpõe imagens em palavras. Dar a menos ou dizer demais pode efectivamente transformar uma obra, adulterando a mensagem do original ou interferindo nos efeitos produzidos. Fazer áudio-descrição obriga sim a uma enorme competência de interpretação, um bom domínio da língua portuguesa e um grande sentido de oportunidade; doses de sensibilidade e de bom senso, num equilíbrio entre o respeito pelo realizador e o dever para com o receptor.

A expressividade da áudio-descrição do filme *Atrás das Nuvens* levou a que a interpretação em Língua Gestual Portuguesa se construísse a partir dessa solução e não tão-somente sobre as deixas das personagens, como normalmente acontece. Alexandra Ramos, a intérprete que deu vida ao filme para os muitos Surdos que têm a LGP como a sua língua materna, afirmou ter optado por interpretar sobre o texto da áudio-descrição por esta trazer maior colorido e expressividade à sua “versão”. Mais uma vez, poder-se-ia colocar a questão do grau de liberdade que assiste aos técnicos que fornecem estes serviços. Os Surdos que assistiram à projecção do filme em formato combinado questionaram estas diferenças. As legendas, compostas a partir das regras básicas da legendagem para surdos (cf. Neves 2005), forneciam informação extra sobre efeitos sonoros e a música com valor narrativo, identificavam falantes, mas centravam-se nas falas. Ao comparar a informação da interpretação gestual com aquela fornecida pelas legendas, eram óbvias as diferenças. A opção de inclusão da AD na interpretação em nome de uma maior expressividade colidia, aparentemente, com a necessidade de fornecer legendas de fácil leitura que tivessem em conta as reais necessidades de quem as iria ler.

Estas comparações, apenas possíveis em situações forçadas, não serão práticas comuns entre os verdadeiros utilizadores das soluções de inclusão aqui descritas. A possibilidade de seleccionar apenas aquela que é mais adequada às necessidades de cada um, garantindo o maior conforto é, em essência, a razão de ser desta aposta. Ter uma deficiência sensorial – surdez ou cegueira – significa ter um défice em um dos sentidos, mas pode significar também ter os outros sentidos muito mais apurados. Abrir o espaço comunicativo no respeito pela diferença resume-se, afinal, no apelo a todos os sentidos e, de modo especial, na exploração da riqueza inesgotável da(s) língua(s) e linguagem/ns que se reinventam sempre que se concretizam de forma criativa.

Bibliografia citada:

Jackobson, Roman. 2000 (1959). “On linguistic aspects of translation”. In Venuti, Lawrence (ed). *The Translation Studies Reader*. London and New York: Routledge, 113-118.

Neves, Josélia. 2005. *Vozes que se Vêem – Guia de Legendagem para Surdos*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria & Universidade de Aveiro.

ⁱ *O Nascimento de Cristo = The Nativity Story* /realização de Catherine Hardwicke [2006]. Lusomundo, - 1 DVD (97 min.)

ⁱⁱ *Atrás das Nuvens* / realização de Jorge Queiroga [2007]. ZON/Lusomundo – 1 DVD (86 min.)

ⁱⁱⁱ Títulos comercializados com interpretação gestual:

O Quebra-nozes e o Rei dos Ratos = The Nutcracker and the Mouse King /realização de Michael Johnson e Tatjana Ilyina. [2004]. [Cruz Quebrada] : LNK Audiovisuais, - 1 DVD (82 min.)

Valiant – Os Bravos do Pombal = Valiant / realização de Gary Chapman, [2005]. [registo video LNK Audiovisuais, - 1 DVD (76 min.)

Série *Bob o Construtor = Bob the Builder* / realização de Sarah Ball. [1998+]. [Cruz Quebrada] : LNK Audiovisuais. 5 títulos em DVD separados: Bob o construtor: Buffalo Bob; Bob o Construtor: Cavaleiros para toda a obra; Bob o Construtor: o escavão salva o dia; Bob o Construtor: o maroto do pintas; Bob o construtor: o natal branco do Bob.